

CAMPO GRANDE

PMS	FMLI	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Tribunada Bania		
Data		
24/12/2003		
Caderno		
Dois e noite 14		
Seção		
Assunto		
Bairro		

O Campo Grande e os colarinhos

Antes de me instalar de armas, bagagens e saudades nesta vetusta urbe, minhas esporádicas vindas não incluíam o Campo Grande. Hospedava-me em Nazaré, Av. Joana Angélica, apartamento do meu segundo irmão, que durante a "redentora" serviu de refúgio a muitos perseguidos políticos, embora o proprietário fosse mais chegado à "esquerda festiva" que à revolucionária.

Raramente transitava na zona central da cidade, até porque não a conhecia bem o senso de orientação nunca foi o meu forte.

Mais tarde, idos de 74, fui morar no Canela, a duzentos metros do pé do Caboclo, sem jamais te-lo utilizado como muro das lamentações. Sequer integrava meu roteiro diário rumo ao trabalho e, no início dos Canaviais institucionalizados, com direito a arquibancadas e desfile oficial, não me animava a frequentá-lo, no máximo o curtindo no vídeo.

Vida seguiu, baixei no Corredor da Vitória e o Campo Grande ingressou definitivamente no meu enredo existencial.

Sem me suscitar os surtos de ternura que, ainda hoje, desperta-me a Praça D. Eduardo, em Ilhéus, a despeito de não ter mais seus famosos "leõezinhos" de granito (consta que decoram o jardim de ex-prefeito ilheense) e ter tido suas famosas amendoieiras cortadas por outro ex-intendente da mui formosa Capitania.

Sem uma referência sentimental forte como o Bar Vesúvio, sem um marco cultural redundantemente

marcante como o Cine Teatro Ilhéus, sem o charme da Sorveteria Ponto Chic e, sobretudo, a Catedral de São Sebastião que a domina com sua imponência, claro que o Campo Grande não seria parada para a Praça D. Eduardo, ex-Praça Luiz Viana.

Do Campo Grande, cujo nome oficial é Praça Dois de Julho, fui me afeiçoando lentamente, sua beleza muito condicionada às administrações municipais, daí alternar fases de viço com períodos de desleixo.

Sofreu algumas guaribadas, nem sempre norteadas pelo bom gosto, até chegar à grande reforma, passeios mais largos, arborização renovada, iluminação feérica.

Palco das minhas caminhadas diárias, acompanhei sua atual restauração desde o princípio e acho que o produto final ficou legal. Ouvi críticas ao excesso de pavimentação, em prejuízo da vegetação, mas como me falece um certo refinamento urbanístico, nada tenho a reclamar, ou melhor, achei aquelas grades metálicas meio destoantes, embora não tenha opinião formada sobre qual seria

a cor mais adequada.

Tampouco tou nem aí para os vários pais da obra, que se apresentam como tais, pois entendo que um exame de DNA detectará características sanguíneas de toda a população que a concebeu, mediante o pagamento de impostos.

De qualquer maneira, em termos de execução, o mérito é da administração municipal liderada pelo intendente Imbassahy e estamos conversados.

Daqui para a frente, é só conversar, preservar,

"O mérito é da administração municipal liderada pelo intendente"



cuidar, tarefas de todos nós, autoridades ou simplesmente munícipes.

Caprichar no policiamento também será uma boa, pois as escadarias que dão acesso ao Vale do Canela têm servido de válvulas de escape para os marginais que operam na área.

Certa manhã de domingo, tive meus óculos escuros afanados por mãos delicadas, retiradas dos meus olhos com tanta discrição, que só falei aplaudir a habilidade do promissor pivete.

Espero que o moderno e atraente new look do Campo Grande não o torne frequentado por bandidos de colarinho branco.